

Oficiais portugueses ministram cursos de liderança

Séc. Jb
14/2/94

Cinco oficiais portugueses ministram, desde segunda-feira passada, um estágio de liderança para oficiais superiores do Governo e da Renamo que integrarão as chefias do novo Exército único moçambicano, disse uma fonte militar lusa.

Trata-se da primeira acção de formação da missão portuguesa, que desde Julho último se encontra no País a participar na criação das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM).

De acordo com o calendário do processo de paz, as acções de formação para o novo Exército moçambicano deveriam ter-se iniciado em Janeiro findo. Mas os atrasos no acantonamento e as dificuldades das partes em seleccionar o seu pessoal para os cursos e em garantir a logística de apoio, da responsabilidade do Governo, provocaram contínuos adiamentos.

Um total de 28-29 oficiais superiores governamentais e outros tantos da Renamo frequentam o curso, que decorre em instalações do Ministério da Administração Estatal, em Maputo.

O estágio terá a duração de quatro semanas e tem como orientadores um coronel e quatro maiores portugueses do Instituto de Altos Estudos Militares, embora não esteja excluída a intervenção de outros oficiais lusos da Marinha e Força Aérea, disse a mesma fonte de informação.

Aqueles oficiais superiores moçambicanos irão de-

pois integrar o Estado-Maior General e os principais cargos de comando do novo Exército.

Numa ordem de serviço de há dias atrás, o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas governamentais, general Hama Thai, desvinculou do corpo que chefia os militares indicados pelo Executivo moçambicano.

Os militares de ambos os lados conservarão as patentes que actualmente têm, podendo estas vir a ser alteradas quando da integração efectiva do novo Exército.

NGONHAMO E LIDIMO, COMANDANTES SUPERIORES DAS FADM

A 28 de Janeiro foram indigitados pelo Governo e pela Renamo os dois oficiais-generais que ocuparão os cargos de comandantes superiores das FADM, respectivamente o brigadeiro Lagos Lidimo e o tenente-general Mateus Ngonhamo.

A escolha destes militares constitui ainda apenas «propostas das partes» e os seus nomes terão que ser pela Comissão de Supervisão e Controlo (CSC) do processo de paz moçambicano.

Até à nomeação do novo Governo que sair das eleições gerais de Outubro próximo, o Comando Superior responderá junto da Comissão Conjunta para a Formação das FADM.

A missão militar portuguesa, que actualmente tem em Moçambique 73

efectivos, entre oficiais, sargentos e praças, é chefiada pelo brigadeiro Albuquerque Gonçalves.

Os militares portugueses têm assessorado até agora no estabelecimento do modelo a ser seguido na criação do novo Exército apartidário, que terá 30.000 homens.

Apesar de Portugal estar disponível para ajudar na estruturação da Marinha de Guerra e Força Aérea das FADM, até agora nem o Governo nem a Renamo mostraram interesse na organização desses ramos.

540 INSTRUTORES CURSADOS EM NYANGA

Além de Portugal, também a Grã-Bretanha e a França participam na formação do novo Exército. Os britânicos já formaram, entre Agosto e Dezembro passados, no «Border» Camp de Nyanga, Zimbabwé, 540 instrutores de Infantaria moçambicanos para o novo Exército.

Pelo menos duas das três restantes acções de formação portuguesa do novo Exército deverão arrancar a 21 deste mês, segundo aquela fonte militar.

Trata-se do treino da logística, que envolve um total de 60 oficiais e 90 sargentos no primeiro turno e mais 200 militares no segundo, a ser ministrado na Escola de Administração Militar em Maputo, cuja recuperação foi financiada por Portugal.

A segunda acção de formação diz respeito ao treino de duas companhias de fuzileiros, com 150 efectivos cada, na Catembe, do outro lado da baía de Maputo, em instalações construídas também por Portugal. As companhias serão treinadas sucessiva-

mente em ciclos de nove semanas.

SELECÇÃO DE HOMENS NA BAIÁ DE MAPUTO

Para estas acções, tanto o Governo como a Renamo apresentaram as listas dos seus homens em número superior ao que vai ser treinado, para que se possa fazer uma selecção tendo em conta as capacidades.

A mesma indicou que dificilmente a terceira acção de formação — o primeiro de três batalhões de forças especiais — começará na mesma data em Nacala, na província nortenha de Nam-pula, numa antiga base de pára-quedistas portugueses, recuperada igualmente por Lisboa.

O início das acções de formação foi precedido na última quarta-feira, dia do estabelecimento, nas instalações de Maputo, Catembe e Nacala, de «componentes fixas», que farão de guarnição dos quartéis. Na Escola de Administração Militar de Maputo e na base de Nacala rondarão os 98 homens, metade indicados pelo Governo e outra metade pela Renamo, e na Catembe 60 homens.

A 21 deste mês deverão também começar a formação dos primeiros 5.000 militares de Infantaria, em três centros reabilitados com dinheiro das Nações Unidas, pelos instrutores moçambicanos sob a supervisão de uma equipa de 12 oficiais britânicos, provenientes de Nyanga e do Reino Unido. Ao todo, a Infantaria do novo Exército terá cerca de 15.000 homens.

A escolha daqueles 5.000 homens está actualmente a ser efectuada tanto pelo Governo como pela Renamo nas áreas de acantonamento.